



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de lançamento do 1º Plano Nacional de Formação de Professores

Centro de Convenções Brasil 21 – Brasília-DF, 28 de maio de 2009

Na verdade, eu tenho um problema sério, que eu mando fazer discurso e as pessoas conversam com os ministros da área. Então, eles pedem para colocar coisas aqui... Só que eles vêm e falam. Então, o meu discurso vai ficando esvaziado a cada dia que passa e eu...

Eu queria cumprimentar todos vocês, educadores do nosso país,
Cumprimentar o nosso querido Fernando Haddad.

Se eu fosse o Ariano Suassuna, eu falava assim: “Como é que pode um mortal, um normal falar depois de um bicho sabido desses?”. Na verdade, foi em um ato que aconteceu em São Paulo que o Ariano falou isso, eu não vou dizer quem era que estava falando.

Mas, uma coisa que eu queria pedir a compreensão de vocês: eu acho que nós chegamos a um estágio, na área da educação no Brasil, em que todo mundo compreende que ainda estamos longe de chegarmos àquilo que é o sonho nosso. Mas todo mundo compreende que o esforço que o governo tem feito, através do Ministério da Educação, através da construção de pactos e de acordos com governadores e com prefeitos, nós estamos fazendo em sete anos o que não foi feito em 30 ou 40 anos (incompreensível) neste país.

Portanto, é muito difícil tentar recuperar o exército de professores que foram tão maltratados ao longo das últimas três décadas, é tão difícil recuperar, é mais difícil do que se você tivesse que pegar adolescentes e formá-los professores, porque nós precisamos motivar agora pessoas que estavam muito desmotivadas com a educação pública no nosso país.



Houve um tempo, quando eu ia para comício e que eu jamais imaginei que eu ia chegar à Presidência da República, eu dizia o seguinte: se você quer saber se a educação básica de uma cidade é boa, ou de um estado é boa, pergunte se os filhos do prefeito ou do governador estão estudando na escola pública. Se não estiverem, é porque não é tão boa quanto ele fala no discurso.

Mas o dado concreto é que nós precisamos caminhar para isso. Nós precisamos caminhar para uma escola de tamanha qualidade, em que a disputa das mães e dos pais seja para colocar os filhos nas escolas públicas, pelo centro de excelência que elas viraram, e não correr ou fugir para uma escola privada, como aconteceu na década de 1970, na década de 1980 e na década de 1990. Na verdade, uma das razões pela qual a escola pública brasileira foi se deteriorando é porque grande parte da classe média que brigava antes, foi se afastando da escola pública. Ou seja, para não brigar, eu vou colocar meu filho em uma escola particular, vou pagar a mensalidade para uma criança fazer o terceiro ano primário do [pelo] mesmo preço que [de] uma universidade particular.

Então, isso, durante muito tempo – aqui tem muitos educadores, alguns eu conheço de longa data – isso foi um pouco o que atrofiou, porque ficou, de um lado, a parte mais empobrecida da sociedade procurando a escola pública – e para quem tinha nada, já ter alguma coisinha, já é bom – e aquela parte que poderia exigir mais foi se acomodar, gastando uma parte do seu orçamento, que deveria gastar em viagens e outras coisas, pagando escola particular para os seus filhos.

Acho que nós estamos dando um pontapé extraordinário para que dentro de alguns anos esse quadro seja mudado, para que a gente não tenha mais distinção, ou seja, que o filho de uma empregada doméstica possa sair de mãos dadas com o filho da patroa para ir para a mesma escola, sentar na mesma classe e receber dentro da classe aquilo que um ser humano tem de melhor para oferecer, que é a educação.



Esse é um sonho que eu acho que vamos construir mais daqui a alguns anos, a continuar nessa pegada que nós estamos. Eu acho que nós poderemos, com mais uma geração, ter a escola brasileira recuperada, digna e comparada a qualquer escola de bom nível do mundo. É possível, é plenamente possível acontecer isso. Sobretudo, com a safra de governadores eleitos agora. Alguns governadores eleitos já no governo passado, como o Marcelo Miranda, pessoas que não têm antagonismo – nesses oito anos de governo, eu não tive um problema com um governador, Eduardo, não tive um problema. Na verdade, nós construímos quase tudo que era possível construir. Essa safra eleita na última eleição agora – sobretudo a safra do Norte e do Nordeste – são companheiros com uma qualidade excepcional, com uma disposição política de fazer aquilo que antes era quase impossível fazer, pelo antagonismo entre os entes federados. Essa é uma conquista extraordinária.

A outra conquista que nós estamos tendo é o nosso investimento no ensino técnico brasileiro. Eu canso de contar histórias sobre isso, porque eu... não tem curso para Presidente da República, se tivesse não caberiam os alunos. Mas, eu fico... eu digo... o Fernando viaja muito comigo e eu conto sempre a história de que eu não estaria aqui hoje se eu não tivesse feito um curso técnico, porque aquilo me abriu muitas portas. Eu fico imaginando como é que pôde este país, em cem anos construir apenas 140 escolas técnicas. E nós, só este ano, vamos inaugurar cem escolas técnicas, só este ano.

Certamente, os companheiros que trabalham no Ministério da Educação, muitos profissionais competentes, aprenderam, porque o Brasil viveu um momento, Fernando – que também de vez em quando nós temos que compreender e eu acho que os governadores compreendem – o Brasil viveu um momento de atrofiamento durante quase 30 anos em todas as áreas, e o Brasil foi criando uma máquina de criar dificuldades para fazer as coisas. Então, as pessoas desaprenderam a fazer as coisas. Eu não falo isso como crítica não, eu falo isso como constatação. Se não havia muitos investimentos



na educação, as pessoas foram desaprendendo a fazer as coisas. Se não havia muito financiamento da Caixa Econômica para fazer casa popular, os funcionários foram desaprendendo a fazer casas. E assim vale para todas as instituições, ou seja, nós fomos criando uma máquina poderosa de proibir fazer as coisas e uma maquininha merreca de permitir que se fizesse as coisas. Eu acho que nós estamos construindo outra vez a máquina de fazer as coisas, onde todo mundo aprendeu, onde todo mundo enfrentou dificuldades.

O (incompreensível) Congresso Nacional não era nenhum bicho papão que criava qualquer empecilho para a gente avançar na área da educação. Noventa e nove por cento de tudo que se pediu, a gente conquistou e, muitas vezes, os deputados e senadores melhoraram as propostas que nós apresentamos. E, muitas vezes, a gente vê pela imprensa, e a impressão é que nós vivemos todo santo dia em guerra, um partido contra outro, um governo contra outro, quando, na verdade... analisem o que nós perdemos de votação na área de educação, acho que nada, acho que nada. Por quê? Porque todo mundo neste país, em pesquisas feitas por nós mesmos, só tem uma coisa que é unânime no Brasil: é educação boa, educação de qualidade.

E aí tem uma contradição – o Fernando viu uma pesquisa feita ainda no tempo em que o Gushiken trabalhava na Secretaria... no NAE, de assuntos estratégicos. Você fazia uma pergunta, era 100%, todo mundo queria educação de qualidade. Mas quando você perguntava se eles acreditavam que era possível, 80% não acreditavam. Nós éramos um povo um pouco fracassado. Nós não acreditávamos que era possível fazer uma coisa que nós entendíamos que era o melhor para o País. Imaginem que absurdo: o ser humano pensar em fazer uma coisa e ele mesmo chegar à conclusão “eu não posso”. Não estávamos assim na área de educação. A ponto de alguém, um dia, imaginar que pudesse mandar fazer uma lei que tirava da responsabilidade da União todo o ensino profissional deste país, do governo federal.



Eu me lembro que quando eu disse ao companheiro Sergio Rezende para fazer o PAC da Ciência e Tecnologia, a minha preocupação não era dinheiro. A minha preocupação – porque esse negócio de dinheiro, a verdade é que a gente chora, chora, chora, chora, chora, mas na hora um bilhão a mais, um bilhão a menos, você consegue encontrar um jeito de arrumar. E nós fizemos um PAC de Ciência e Tecnologia de R\$ 41 bilhões, R\$ 41 bilhões. Bem, o que aconteceu? Nós tomamos uma decisão de não permitir que aquele PAC fosse construído pelo governo. Nós envolvemos toda a comunidade científica brasileira – toda, sem distinção – a ponto de em um plenário a gente conseguir aprovar por unanimidade. Eu acho que nem no partido político a que nós pertencemos, acho que nem nos “bolcheviques” do mundo, se conseguiu aprovar uma coisa por unanimidade, sem contestação, sem questão de ordem. Ou seja, aprovou por unanimidade.

Depois nós propusemos que a comunidade científica não deixasse apenas o ministro Sergio Rezende com a responsabilidade de cuidar do PAC, que deveria fiscalizar a aplicação do recurso. Conclusão: (incompreensível) uns 15 dias atrás, nós, orgulhosamente, ficamos sabendo que o Brasil passou à frente da Rússia em publicação de artigos e à frente da Holanda. Nós somos o 13º país do mundo na publicação de artigos em revistas especializadas em ciência. Muitas vezes, a gente não vê isso na imprensa. A gente não vê porque, pela nossa formação, notícia boa não induz as pessoas a lerem, o que é preciso é coisa ruim.

O dado concreto e objetivo, companheiros, é que nós estamos avançando. O Fernando Haddad, possivelmente pela cabeça política dele, pela abertura que ele tem, que não tem o menor preconceito nas discussões políticas, ele não tem nenhuma posição fechada, e os deputados que negociam com ele sabem que não tem posição fechada, ou seja, ele leva o escopo – gostou de eu falar chique assim? “Escopo”... Ele leva o borrão do projeto, mas ele é um companheiro aberto a discutir. E vocês sabem quantas vezes vocês



construíram junto com ele as propostas que hoje nós estamos orgulhosamente, aqui, vivendo os benefícios que elas estão trazendo para a educação no nosso país.

Nós agora temos um compromisso, e eu queria pedir para o Congresso, Maria do Rosário, ver se é possível aprovar, que é a Unila, a Universidade da América Latina, e a Universidade Afrodescendente, uma que a gente quer fazer para garantir alunos africanos estudantes, aqui. Se vocês aprovarem, pelo menos vocês vão me dar o prazer de lançar a pedra fundamental quando eu deixar o governo e o Fernando deixar o Ministério, a gente pode pelo menos lançar a pedra fundamental. Eu acho que é uma obrigação moral, política, econômica e ética do Brasil ter uma universidade latinoamericana e uma universidade para o continente africano.

Eu tenho pedido para o Fernando Haddad estudar também a possibilidade de a gente fazer a Universidade Aberta com os países de língua portuguesa, que a gente pudesse fazer com Moçambique, com São Tomé e Príncipe, com Cabo Verde, com Angola. Eu não sei se é possível, mas eu acho que seria uma contribuição extraordinária que a gente poderia dar a esses países, porque a dívida que nós temos com o continente africano a gente não vai conseguir mensurar em dinheiro – gostaram do “mensurar”, também? Gostou?

Então, a gente não vai conseguir nunca pagar essa dívida em dinheiro, o que a gente vai fazer é política de solidariedade com o continente africano e ir pagando na prestação de serviços e na transferência das coisas que nós sabemos, na transferência de tecnologia. Nós estamos com uma sede da Embrapa em Gana, na capital de Gana, que já pesquisou mais de 30 países para a gente descobrir o potencial agrícola do continente africano, para que eles possam, como nós, produzir. Vocês estão lembrados, há 40 anos, o que se falava do cerrado brasileiro? Eu mesmo cansei de ouvir, vindo para Brasília de carro, na década de 1970, as pessoas diziam: “A terra que tem árvore torta



não presta para nada”. Hoje, o cerrado é o maior centro produtor de grãos do País. Por quê? Porque se recuperou a terra. E isso nós queremos fazer com o continente africano e isso a gente pode ir fazendo, tanto na educação... O Brasil tem obrigação de ajudar a formar especialistas, gestores, médicos, e formá-los – viu, Fernando? – vinculados à África, porque os bichinhos também são danados. Vêm para cá, começam a estudar, logo arrumam uma namorada e não querem mais voltar.

E se a gente não tomar cuidado – é um compromisso que eu estou assumindo comigo mesmo de criar mais linhas, mais voos aéreos para a África – se eles tiverem que ir para Paris para ir para a África, eles já arrumam uma namorada em Paris. Então, nós queremos formar é para ficar na África, para ficar lá, para trabalhar, para ajudar, formar gestores, formar engenheiros agrônomos, formar cientistas de vários tipos.

Eu acho que nós encontramos o caminho. Eu acho que nós – hoje, vocês estão lembrados que eu dizia no meu discurso de posse, em 2003, que a gente ia começar fazendo o necessário, depois a gente ia fazer o possível, e quando a gente menos esperasse, a gente estaria fazendo o impossível. Se vocês participassem do ato de que eu participei, lá no Rio de Janeiro, da Olimpíada de Matemática, e se vocês participassem do ato que eu participei aqui em Brasília, da Olimpíada de Português, vocês iriam falar: “Nós estamos fazendo o impossível”, por duas razões: Primeiro, pela qualidade da organização das Olimpíadas. Segundo, pela qualidade da motivação das crianças. Vocês podem ter certeza de uma coisa: não é o dinheiro, não é a roupa, não é o tamanho, não é a cor dos olhos que fazem uma pessoa ser melhor do que outra em qualquer profissão. A diferença está em garantir oportunidade.

Se todos tiverem oportunidade de ter acesso ao melhor que o País pode oferecer, e a única coisa que pode garantir igualdade de oportunidade, a única coisa é a educação, (incompreensível) escola, é isso que garante a igualdade



de condições. É isso que faz um negro como o Obama chegar à Presidência dos Estados Unidos da América do Norte. É isso que faz Milton Santos, um negro, ser um dos maiores geógrafos que este país produziu. É a oportunidade. Dê oportunidade... e aí outra vez, o Ministério da Educação, com Fernando Haddad, com uma questão do ProUni – que eu acho que é a mais importante revolução que nós fizemos neste país, pela engenharia que foi construída para a gente chegar ao ProUni... Ver a qualidade dos meninos que foram vítimas de preconceito, de que nós estávamos nivelando a educação por baixo, [dizer] que querer colocar pobre na escola era nivelar por baixo. Esses meninos hoje... Já está comprovado que na maioria das universidades os melhores alunos e alunas são os bolsistas do ProUni, por uma única razão: eles já tinham perdido a esperança e não tinham mais perspectiva de futuro, [mas] eles encontraram a palavra-chave – oportunidade – e a pegaram com unhas e dentes.

Este ano, já teve a aprovação da primeira turma de 56 mil jovens. Nós já temos 535 mil (incompreensível), juntar isso com o Reuni... É importante falar aqui o que os reitores sofreram para que a gente pudesse aprovar o Reuni, o que os reitores sofreram, porque alguns que já estavam na universidade achavam que colocar 18 alunos em sala de aula – isso em média, por professor – era demais. Certamente, era um cara de esquerda, que dizia... – de esquerda não, de ultraesquerda, porque o de esquerda tem bom senso – que achava que colocar 18 pessoas era banalizar a sala de aula: “porque [com] 18 alunos, ia ter algum pobre ali, não é possível. A gente está acostumado com seis, sete, oito, colocar 18 é demais, é uma multidão na sala de aula”. Houve reitoria quebrada, houve reitores empurrados, porque uma pequena elite não queria. Graças a Deus vocês tiveram coragem, enfrentaram o debate, e nós aprovamos. Por conta disto, este ano nós saímos da média histórica de 113 mil novos alunos, que era a renovação anual das universidades federais, para 227 mil alunos. Praticamente dobramos o número de alunos. Se o Fernando



Haddad e a sua turma – porque o Paimzinho, cada vez que ele fala comigo, ele diz uma coisa. Quando eu peço ao Fernando, é outra. Como o Fernando é o Ministro, eu prefiro sempre acreditar em quem tem mais poder no Ministério. Mas se a gente conseguir construir tudo o que está planejado para construir, tudo o que está planejado para funcionar em 2010...

O que eu acho mais sagrado? É que nós criamos um outro paradigma na educação brasileira. Quem vier depois vai ter que saber que não pode fazer menos do que nós fizemos. Como eu sou torneiro mecânico, metalúrgico, considerado durante tantas décadas desqualificado para assumir a Presidência, agora quem vier depois vai ter que dizer: “Bom, eu tenho que fazer mais do que ele porque eu tenho que provar que o meu estudo me fez mais capaz do que o Lula”. E Deus queira que seja um “bicho” bem competente mesmo, para fazer mais 300 escolas técnicas, mais 30 universidades, fazer mais um PAC.

Vocês também aprenderam. Vocês agora estão mais preparados do que há seis anos. Antigamente, vocês só protestavam, não é verdade? E nós, o que fizemos com vocês? Eu nunca pedi para vocês não protestarem, mas nós convidamos vocês para virem, junto conosco, construir o que vocês achavam que faltava na educação deste país. E cada coisa que nós conquistamos teve o dedo de vocês, cada coisa. Ninguém pode culpar o Fernando Haddad, ou a Capes, ninguém pode contestar. Cada um de vocês, em algum momento, participou de alguma decisão.

Eu acho que isso é uma coisa maravilhosa porque daqui a alguns anos, se alguém tentar mexer para piorar, vocês já sabem o que é bom, vocês já aprenderam. Vocês estão lembrados do que eu dizia da greve de 1979, da greve de 1978? Alguém me perguntava por que a greve começou na categoria metalúrgica. Eu dizia: porque a “peãozada” já tinha aprendido a comer bife. Quando perdeu o bife, o pessoal virou leão para brigar. Ela nunca acontece nos lugares mais pobres, é sempre no lugar em que as pessoas estão



perdendo. Quem nunca tem nada, não tem nada e não sabe o que é melhorar ou piorar. Está sempre pior. Mas na medida em que as pessoas aprenderam que tem algo que é tangível de ser alcançado – outra vez esse palavão: “tangível”. Eu vou começar a escrever um dicionário das minhas palavras difíceis. Mas uma coisa sagrada é que, na medida em que as pessoas perceberam que é possível melhorar e que tem espaço para melhorar mais, o que vai acontecer? Ninguém vai ter coragem de piorar. Vocês nunca mais vão ver, neste país, um mapa do Brasil [da América do Sul] com dois “Paraguais”. Nunca mais vocês vão ver, neste país. E se alguém fizer errado, o MEC tem que corrigir, ou [quando alguém] tentar fazer a educação sexual no nível que se tentou fazer, deformando o que é a educação sexual para as crianças, na escola.

Eu acho que este ato de hoje, vocês poderiam guardar o dia de hoje como um dia histórico na vida da educação brasileira. Eu penso que o Anísio Teixeira, acho que o Paulo Freire... Quem mais, aí? Vai falando aí as pessoas importantes, aí... O Darcy Ribeiro. Onde essas... Florestan Fernandes. Eu acho que onde essas pessoas estiverem – eu sou católico e acredito que tem um outro mundo para gente de bem. Se tem outro mundo, só pode ser melhor do que esse, pode ser...

Então, eu acho que as pessoas estão percebendo que valeu a pena elas serem perseguidas em época de autoritarismo, que valeu a pena elas serem exiladas, que valeu a pena tudo o que aconteceu de ruim com elas, porque as sementes que elas plantaram, finalmente, alguns brasileiros, não todos, mas milhões de brasileiros já estão colhendo. E os nossos educadores estão vivenciando um momento de respeitabilidade do poder público para com eles, coisa que há muito tempo, embora eu nunca tenha sido professor, fui muito... não, grevista, mas fui muito ligado às greves dos educadores deste país.

Eu acho que nós aprendemos a construir uma coisa nova. Eu espero que vocês continuem com essa vontade, ajudando, cobrando. Podem cobrar.



Nós fomos agora anunciar a universidade na Bahia, nem inauguramos e o pessoal já estava pedindo laboratório. E é assim mesmo. Não tem nada mais fantástico em uma democracia do que quando o povo perde o medo de cobrar. Nem sempre a cobrança deixa a gente feliz, mas quem pede mais para nós do que os filhos que nós colocamos no mundo? Quem reivindica mais?

Então, eu acho que esse exercício que nós conseguimos criar, essa certa harmonia na área da educação, eu acho que é uma conquista de vocês. Nós, do governo, somos apenas os agentes repassadores. Mas vocês é que são a cara deste novo momento da educação que o Brasil vive.

Parabéns, Fernando Haddad. Parabéns, companheiros educadores brasileiros.

(\$211A)